

# Candidatos, problema do MDB

## TADEU AFONSO

Quem se animará a disputar o Senado em duas sublegendas para fortalecer a candidatura do senador Franco Montoro em 1978? Muito mais do que as dúvidas em torno da conveniência do lançamento de uma anticandidatura ao governo estadual, é esta a pergunta que mais preocupa os emedebistas paulistas depois da imposição das reformas políticas mediante o Ato Institucional nº 5. Escaldados pela abrupta eliminação de suas possibilidades de chegar ao poder, os opositoristas de São Paulo vivem agora imersos em dúvidas quanto ao futuro.

Se a Arena enfrenta, depois das reformas, uma súbita inflação de candidatos a qualquer cargo, principalmente os indiretos, os emedebistas parecem retornar aos idos de 1966, quando a maior dificuldade era o encontro de nomes que se dispusessem ao sacrifício de uma campanha eleitoral.

Candidatos naturais à sucessão do governador Paulo Egydio, em eleições diretas, os senadores Franco Montoro e Orestes Quércia, ao menos aparentemente, não se sensibilizaram diante da possibilidade de reeditarem, em âmbito estadual, a anticampanha do deputado Ulysses Gui-

marães à Presidência da República, em 1973.

Essa falta de interesse tem suas justificações. Em primeiro lugar, a extensão das draconianas disposições da Lei Falcão a todas as eleições eliminou a possibilidade de acesso ao rádio e à televisão dos eventuais candidatos ao Palácio dos Bandeirantes. Além disso, o sucessor de Paulo Egydio será homologado pelo colégio eleitoral a 1º de setembro de 1978, quando a campanha para os Legislativos ainda estará engatinhando, pois somente se realizará a 15 de novembro. Assim, quando esta tomar impulso, o Estado já terá um novo governador designado e sacramentado por um comportado colégio eleitoral, não havendo mais sentido na manutenção do anti-candidato.

Além disso, lembrando os episódios da campanha de Ulysses Guimarães, temem alguns dirigentes oposicionistas que o anti-candidato possa acabar cindindo o partido. Eles recordam que, às vésperas da eleição do presidente Geisel, os setores autênticos do MDB exigiram a renúncia de Ulysses à candidatura como meio de denúncia do caráter do pleito indireto. Essa pressão não foi aceita e a oposição enfrentou uma crise interna, com os autênticos se recusando a entrar ao plenário do Congresso para votar no presidente do partido.

Sem a possibilidade de disputar o Palácio dos Bandeirantes, nada mais resta a Franco Montoro do que pleitear a reeleição para o Senado, provocando assim novo problema para o MDB. Tido como candidato quase imbatível, dificilmente ele encon-

trará correligionários que queiram sair pelas duas outras sublegendas.

A solução poderia ser o lançamento de políticos que nada tivessem a perder momentaneamente. Assim, prefeitos eleitos pela oposição em 1976 — portanto, com um mandato até 1980 e ao qual não precisariam renunciar — talvez possam ser convencidos a aceitar o sacrifício. Seria, por exemplo, o caso do prefeito de Campinas, Francisco Amaral, embora este já tenha sido um verdadeiro "boi de piranha" nas eleições municipais de 1972, quando Lauro Péricles Gonçalves — de má memória para o partido — se elegeu naquela cidade, apoiado pelo senador Orestes Quércia.

Por sinal, parece ter sido Quércia o primeiro a prever a extensão dos danos que as eleições indiretas para o governo e uma cadeira do Senado poderão provocar ao MDB. Enquanto os emedebistas ainda se mostravam perplexos diante do golpe recebido, ele já anunciava que partiria para novas peregrinações pelo Interior do Estado. Ele teme um esvaziamento do partido pois, diante da impossibilidade de chegar a ser governo, muitos oposicionistas, principalmente os das pequenas e médias cidades, poderão abandonar a militância política ou, o que seria pior, engrossar as fileiras da Arena. Se isso ocorrer, seria desastroso já que a oposição ficaria privada de importantes bases para a campanha de seus candidatos aos Legislativos em 1978. E se arriscaria a sofrer um retrocesso sem precedentes em sua história.

Politicamente, Quércia já se resignou a continuar no Senado, assim como Montoro anunciou que disputará a reeleição em 1978. Para o primeiro, a cadeira senatorial era apenas um trampolim para o Palácio dos Bandeirantes.

O realismo de Quércia diante da crise que ameaça vir, se patenteia ainda pela defesa que fez da união em torno da reeleição de Montoro, seu ex-rival na disputa pelo governo do Estado. Ele vai ainda mais longe: sugeriu publicamente uma fórmula de unidade para a eleição do novo diretório regional em agosto.